


Baril, Alexandre. *Undoing Suicidism: A Trans, Queer, Crip Approach to Rethinking (Assisted) Suicide*

Philadelphia, Temple University Press, 2023, 309 p.

Noé Carrière

 <https://cfla-discapacidad.pergola-publications.fr/index.php?id=366>

Noé Carrière, « Baril, Alexandre. *Undoing Suicidism: A Trans, Queer, Crip Approach to Rethinking (Assisted) Suicide* », *Cahiers franco-latino-américains d'études sur le handicap* [], 2 | 2024, 16 décembre 2024, 18 décembre 2024. URL : <https://cfla-discapacidad.pergola-publications.fr/index.php?id=366>

Licence Creative Commons – Attribution 4.0 International – CC BY 4.0

Baril, Alexandre. *Undoing Suicidism: A Trans, Queer, Crip Approach to Rethinking (Assisted) Suicide*

Philadelphia, Temple University Press, 2023, 309 p.

Noé Carrière

Alexandre Baril, *Undoing Suicidism: A Trans, Queer, Crip Approach to Rethinking (Assisted) Suicide*, Philadelphia, Temple University Press, 2023, 309 p.

Nota da Traductora do texto ao portugues, Valéria Aydos: Noé Carrière utiliza o *doublet abrégés* em diversas palavras ao longo do texto. Trata-se de um recurso de linguagem inclusiva em francês que consiste em acrescentar um sinal gráfico (como um ponto ·) ao fim de uma palavra masculina e adicionar a terminação feminina após esse sinal (ex.: professeur ·e). É um modo de combinar palavras genericadas a fim de contestar e combater a linguagem sexista e de torná-las neutras quanto ao gênero, contemplando as identidades não binárias. No português brasileiro, alternativas dessa ordem sugerem não a combinação, mas a substituição das terminações indicativas de gênero por letras, como “e” (ex.: professore) ou construções com palavras neutras (como “pessoa professora”). Désormeaux-Moreau também utiliza o pronome “iel” para falar de si na terceira pessoa. Esse pronome é um neologismo, ou neopronome não binário, obtido pela junção de “il” e “elle” – “ele” e “ela” em francês, respectivamente. Opera de modo análogo ao “they” (terceira pessoa do plural, de gênero neutro), do inglês, amplamente utilizado para a linguagem não sexista e não binária. Seus possíveis pares no português são “elu” e “ile”, ainda pouco empregados.

1 Em *Undoing Suicidism: A Trans, Queer, Crip Approach to Rethinking (Assisted) Suicide* [Desfazendo o Suicídio: Uma Abordagem Trans, Queer e Crip para Repensar o Suicídio (Assistido)], Alexandre Baril desafia as perspectivas tradicionais e normativas sobre o suicídio e o acesso ao suicídio assistido¹. Baril argumenta que as pessoas suicidas sofrem de uma opressão estrutural e sistemática que ele chama de suicidismo², inclusive dentro de movimentos e campos de estudo antiopressivos (p.7). Adotando uma abordagem interseccional, ele argumenta que os grupos marginalizados são particularmente vulneráveis

ao suicídio, e argumenta que a preponderância de uma abordagem prevencionista do suicídio é uma fonte de violência, causando mais mortes do que salvando vidas. A abordagem prevencionista não prioriza a vontade, a autonomia e o bem-estar das pessoas suicidas, mas um (sobre)viver como parte de um "mandato para a vida e o futuro" (p.11³). Com base em estudos/teorias queer, crip e trans, Baril se propõe a teorizar e problematizar o suicídio, assim como a reconceituar o suicídio (assistido) de uma forma antiopressiva. Por meio de *Undoing Suicidism*, ele lança um "[...] chamado à ação e à mobilização coletiva por meio de uma tanatopolítica, uma 'política da morte'" (p.8).

- 2 Permeado pela intimidade da autotanatoteoria, uma abordagem metodológica que oferece ao autor a oportunidade de discutir (seu) desejo individual de morrer, ao mesmo tempo em que incentiva a criação de uma comunidade de pessoas que compartilham essa experiência, este livro é dividido em duas seções principais. Na primeira, composta por três capítulos, Baril oferece uma reconceitualização antiopressiva da suicidalidade⁴. O primeiro capítulo apresenta o suicídio como uma estrutura teórica e oferece uma discussão crítica dos modelos dominantes de conceitualização da suicidalidade (os modelos médico, social e de justiça social), incluindo a literatura sobre suicidologia crítica. O segundo capítulo discute as possibilidades transgressoras da aplicação de abordagens trans e queer à suicidalidade, ao mesmo tempo em que demonstra as limitações da literatura. Baril destaca como as perspectivas trans e queer sobre o suicídio se concentram em um mandato para a vida e o futuro, ignorando a questão do suicídio assistido. O terceiro capítulo discute a relevância da aplicação da teoria crip e dos estudos loucos à suicidalidade, ao mesmo tempo em que aponta as deficiências dessas abordagens. Baril mostra que, ao contrário das perspectivas trans e queer, a suicidalidade é pouco teorizada nos estudos críticos sobre deficiência e loucura, e que os debates sobre o suicídio assistido estão enraizados em uma perspectiva suicidista, uma vez que o suicídio é enquadrado como uma opção inadequada a ser evitada.
- 3 Composta pelo quarto e quinto capítulos, a segunda seção do livro desconstrói as abordagens existentes sobre o suicídio assistido e propõe um modelo alternativo baseado em uma abordagem de redução de risco. O quarto capítulo explora as abordagens e o discurso da mobilização para o acesso à assistência médica na morte e demonstra

que ele se baseia em fundamentos sanistas⁵, capacitistas e suicidistas que diferenciam o suicídio (visto como o resultado de uma decisão irracional e injustificada) da morte assistida (percebida como uma decisão racional e justificada). O autor mostra que as conceitualizações atuais do suicídio assistido são desenvolvidas com o objetivo de proteger a vida (em vez de fornecer acesso à morte), livrando-se de sujeitos percebidos como "abjetos" e "irrecuperáveis" (p. 209). Demonstrando que a concepção dominante do suicídio assistido é opressiva por natureza, Baril desenvolve no quinto capítulo um modelo queercrip, antiopressivo e interseccional. Esse modelo queercrip de suicídio (assistido) baseia-se em uma abordagem "suicida-afirmativa" que promove "o acompanhamento de pessoas que estão pensando em morrer por suicídio (assistido) para ajudá-las a tomar a decisão mais bem informada possível" (p. 218). Esse modelo baseia-se no estabelecimento de direitos positivos para os suicidas e teria várias vantagens, incluindo 1] a promoção da justiça epistêmica (reconhecendo a experiência e a legitimidade dos suicidas); 2] uma redução na natureza violenta e no isolamento dos suicídios; 3] uma redução no impacto que o suicídio pode ter sobre as famílias; 4] o potencial de salvar mais vidas do que no modelo de prevenção atual (embora o objetivo do autor não seja salvar vidas em si) (p. 228-232). Baril conclui discutindo a importância de repensar práticas, normas e políticas em torno da morte e, mais especificamente, do desejo de morrer, a fim de criar um mundo mais inclusivo no qual as pessoas que desejam morrer possam fazê-lo em paz, cercadas por entes queridos e sentindo-se amadas.

- 4 Undoing Suicidism é um trabalho rigoroso, diferenciado e inovador, baseado em uma revisão exaustiva e minuciosa da literatura. Na ausência de entrevistas diretas com pessoas suicidas, Baril integra narrativas de várias fontes para dialogar com o conhecimento da experiência. O livro pretende ser uma ferramenta intersetorial para a desobediência epistêmica, a construção de comunidades e o movimento social (p. 257-8). A teorização de Baril de um modelo antiopressivo de suicídio assistido é ainda mais relevante em um contexto em que o acesso à morte medicamente assistida está sob constante mudança e (re)negociação em muitos países (embora Baril não planeje abolir o sistema atual tão cedo). Embora o livro ofereça uma visão geral abrangente do assunto, seria benéfico acrescentar uma análise histó-

rica mais aprofundada das origens da perspectiva suicida, bem como uma exploração comparativa de perspectivas alternativas em outras regiões e culturas.

- 5 Undoing Suicidism é uma leitura imperdível por causa de suas muitas contribuições para os círculos acadêmicos, ativistas, profissionais e comunitários, para citar apenas alguns, bem como para as pessoas direta ou indiretamente afetadas pela suicidalidade⁶. Embora o livro seja de natureza acadêmica, Baril tem o compromisso de torná-lo o mais acessível possível, principalmente por meio de um estilo de escrita inteligível e do fornecimento de acesso gratuito à obra. Baril habilmente leva os leitores a repensar não apenas o suicídio e a suicidalidade, mas também a formação de conexões autênticas, a construção de comunidades, a resiliência e a justiça. Ele nos permite reconceituar a morte, não como um destino ou uma tragédia, mas como uma escolha legítima e potencialmente emancipatória em um contexto em que as possibilidades de escolher como (não) viver parecem cada vez mais limitadas.

1 O autor se concentra no contexto canadense, mas ressalta que a relevância de *Undoing Suicidism* vai além das fronteiras geográficas em que foi escrito.

2 O termo *suicidismo* refere-se à opressão sistêmica e sistemática de pessoas suicidas.

3 Todas as citações são de minha tradução.

4 Para Baril, a suicidalidade é um termo abrangente para ideação suicida, tentativas de suicídio e suicídios concluídos.

5 Nota da tradutora : O adjetivo "sanista" deriva do neologismo "sanismo" (em francês "sanisme"). Assim como o racismo ou o capacitismo, ele se refere à discriminação, neste caso ligada a uma diferença na saúde. Originalmente referindo-se à saúde mental, o termo às vezes é usado de forma generalizada, aplicando-se à discriminação com base em uma diferença de saúde.

6 Com o apoio da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Ottawa.

Palavras chaves

suicídio, justiça social, assistência médica na morte, suicidalidade, capacitismo, sanismo

Noé Carrière

Pesquisadore independente; noecarriereb@gmail.com

Noé Carrière tem mestrado em estudos feministas e de gênero da Universidade de Ottawa. Noé Carrière é especialista em estudos críticos do autismo, estudos críticos da deficiência e teorias do afeto e da emoção. Está envolvido em vários níveis na *Autisme Soutien*, uma organização sem fins lucrativos criada para e por pessoas autistas, com o fim de oferecer serviços de apoio social, atividades educacionais e ferramentas de treinamento sobre neuroafirmação. Noé também trabalha como pesquisadore independente.